



AINDA SOBRE POSSESSIVOS DE TERCEIRA PESSOA NO PORTUGUÊS

RAQUEL MEISTER KO. FREITAG*
MANOEL SIQUEIRA**

RESUMO

A expressão das relações de posse por pronomes de terceira pessoa no português brasileiro está em processo de variação, que ainda não é adequadamente representada nas gramáticas: a forma *seu*, em certas situações continua sendo produtiva. Examinamos uma amostra de fala de universitários e encontramos a mesma distribuição de PP3 do NURC. Os resultados de uma análise de regressão condicional de PP3 corroboram a hipótese da dominância pronominal e a da distribuição complementar de Müller (1997), de que *seu* age como variante presa e *dele* expressa correferência.

Palavras-chave: pronomes possessivos, variação, dominância pronominal

ABSTRACT

The expression of possession relations by third-person pronouns in Brazilian Portuguese is an ongoing process of variation, which is not yet adequately represented in grammars: *seu* pronoun, in certain situations, remains productive. We examined a sample of university students' speech and found the same distribution of PP3 in NURC. Results of a conditional regression analysis of PP3 corroborate the hypothesis of pronominal dominance and that of Müller's (1997) complementary distribution, that *seu* works as a closed-form variable and *dele* expresses co-reference.

Keywords: possessive pronouns, variation, pronominal dominance

* Universidade Federal de Sergipe, UFS. Professora do Departamento de Letras Vernáculas e dos Programas de Pós-Graduação em Letras e em Psicologia, e-mail: rkofreitag@uol.com.br.

** Universidade Federal de Sergipe, UFS. Mestrando em Letras, e-mail: manoel.siqueira77@hotmail.com.

1 PROBLEMA

As formas de pronomes possessivos de terceira pessoa (PP3) no português brasileiro são variáveis, e essa variação é explicada em três gramáticas contemporâneas, nomeadas aqui Gramáticas A, B e C, Quadro 1.¹

QUADRO 1 – PP3 EM GRAMÁTICAS CONTEMPORÂNEAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Gramática A	Gramática B	Gramática C
<p>[...] pode-se falar em dois subsistemas básicos de pronomes possessivos em português, um, característico da modalidade escrita e dos registros formais (subsistema I), em que as formas <i>seu, sua, seus, suas</i> se referem à terceira pessoa (ele, ela, ele, elas); e outro, próprio da modalidade falada (subsistema II), em que as formas <i>seu, sua, seus suas</i> se referem sobretudo ao interlocutor (você, o senhor).</p> <p>Neste caso, os riscos de ambiguidade são contornados pelo uso de <i>dele, dela, deles, delas</i> como ‘possessivos’ de terceira pessoa.</p>	<p>Seu e dele para evitar confusão – em algumas ocasiões, o possessivo <i>seu</i> pode dar lugar a dúvidas a respeito do possuidor. Remedeia-se o mal com a substituição de <i>seu, sua, seus, suas</i>, pelas suas formas <i>dele, dela, deles, delas, de você, do senhor</i>, etc., conforme convier.</p>	<p>Sabemos, por nossos usos diários na língua, que o possessivo seu, na língua falada espontânea, se refere única e exclusivamente a você e jamais à não pessoa. A única sobrevivência de seu, na língua falada, com referência à não pessoa é a fórmula fixa cada um [verbo] o seu. Os possessivos referentes à não pessoa na língua falada são sempre dele / dela / deles / delas.</p>

Fonte: elaborado pelos autores.

A gramática A explica a variação pela coexistência de dois subsistemas pronominais, que são empregados em função da modalidade de língua (escrita e registros formais vs. modalidade falada). A gramática B aponta para resolução de um problema (negativo, pois “remedeia-se o mal”), que é a ambiguidade. A gramática C é extremista (“única e exclusivamente”, “jamais”, “sempre”) ao afirmar que *seu* só se refere à segunda pessoa, com exceção de fórmula fixa.

Nenhuma das gramáticas representa adequadamente o fenômeno no português brasileiro, por assumirem restrições externas como condicionadoras da variação. Para demonstrar nosso ponto, retomamos a análise de Müller (1997) acerca da variação entre *seu* e *dele* PP3 com dados do NURC. Em seguida, apresentamos um estudo sobre a realização de PP3 em uma amostra sociolinguística contemporânea, cujos resultados distributivos invalidam as prescrições da gramática C. Para explicar a variação nas formas de PP3, aplicamos a proposta de categorização de Müller (1997), relacionando-a à hipótese de dominância pronominal de MacKay e Fulkerson (1979). Ao final, sistematizamos nossa contribuição para explicar o funcionamento variável dos PP3 no português brasileiro contemporâneo.

¹ Gramática A: Azeredo (2008, p. 177); gramática B: Bechara (2009, p. 181); gramática C: Bagno (2012, p. 770).

2 EXPLICAÇÕES PARA PP3

Perini (1985) levanta questões relacionadas ao surgimento dos possessivos no português coloquial assumindo uma perspectiva funcional (entendida por ele como: língua se estrutura para atender as necessidades comunicativas), em que a organização dos possessivos é determinada pelas necessidades de comunicação, que é “extralinguística”: “preencher lacunas semânticas com formas convergentes, de evitar ambiguidades e de evitar mudanças grandes na gramática” (PERINI, 1985, p. 2). O sistema em si inclui ambiguidade, com *seu* PP2 e PP3, o que pode ser resolvido com a construção genitiva formada por um sintagma D + N.

A fim de responder suas questões, Perini (1985, p. 8) postula princípios, dos quais destacamos o “princípio um — dentro do sistema de possessivos, formas ambíguas devem ser evitadas”, que, na sequência, é revisto para “a ambiguidade deve ser evitada sempre que impedir a recuperação da pessoa gramatical envolvida”, o que “impediria a existência de um possessivo do qual não se pode recuperar sem ambiguidade a pessoa gramatical” (p. 13).

Retomando a discussão proposta por Perini (1985), Kato (1985, p. 111) questiona a pertinência de uma regra para um contexto, generaliza o princípio um — “a ambiguidade deve ser evitada no uso da gramática” — e propõe um princípio três: “evite usar formas diferentes para a mesma função” (p. 114). Este princípio sugere a distribuição complementar entre as construções genitivas *dele* e o possessivo *seu* na função de PP3. Uma primeira diferença entre esses dois grupos é a ordenação entre possuidor e possuído: *seu*_{possuidor} *carro*_{possuído} ~ *carro*_{possuído} *dele*_{possuidor}. No entanto, não é suficiente para explicar a coexistência de dois sistemas. A autora observa que o uso de *seu* PP2 é consequência de relações de intimidade. Kato evoca o princípio da empatia “escolha a forma em que o elemento com que se empatiza mais preceda o elemento com que se empatiza menos” (KATO, 1985, p. 116-117), mas ressalta que a aplicação na primeira e na segunda pessoa é factível, mas não em PP3.

Face às explicações de base funcional, que consideram a resolução de ambiguidades (PERINI, 1985), ou o resultado do enfraquecimento geral dos pronomes e o princípio da empatia (KATO, 1985), Müller (1997) argumenta em favor de efeito do tipo semântico na distribuição complementar de PP3 a partir do reexame dos resultados de Almeida (1993), que observou a realização de PP3 em uma amostra do NURC e, apesar de a substituição de *seu* por *dele* na fala ser considerada como um fato consumado, os resultados apontaram para uma distribuição (44% *seu*, 56% *dele*) diferente do que outros estudos que consideram variação na fala encontraram.² Uma hipótese aventada por Müller (1997) é o da antiguidade do *corpus* (o que vamos rebater mais à frente), assim como o tipo de assunto e o grau de intimidade entre os interlocutores: a amostra do NURC considerada foi composta por seis DID (diálogo entre informante e documentador), dois D2 (diálogo entre dois informantes) e

2 Por exemplo, no Rio de Janeiro, 75% de *dele* em amostra estratificada quanto à escolaridade Mobral e nível superior (OLIVEIRA E SILVA, 1982), e 91,6% na amostra Censo (OLIVEIRA E SILVA, 1996); no Paraná, 81% na amostra VARSUL (SOARES, 1999); na amostra D&G de Natal/RN, na fala 86%, e escrita, 7% (OLIVEIRA E SILVA, 2016). Estes estudos utilizam adotam amostras constituídas segundo estratégias que visam minimizar efeitos do paradoxo do observador (LABOV, 1972), com roteiro de entrevistas que desenvolvem temas que desencadeiam um registro conhecido como “vernáculo”. O NURC, assim como o banco de dados Falares Sergipanos, considera a situação uma modalidade de língua que constitui uma imagem de “falante culto”: pessoas de nível superior ou estudantes de ensino superior (FREITAG, 2019).

um EF (elocução formal). Müller (1997) revisa a classificação semântica adotada por Almeida (1993), que considerou os antecedentes de PP3 como *específicos* (nomes próprios e SN com referência específica ou individual), *não específicos* e *genéricos*. Nos *não específicos*, Almeida (1993) insere os sintagmas quantificados, visto que, “apesar de não serem específicos, esses sintagmas eram, de alguma forma, ‘referenciais’ e não genéricos” (MULLER, 1997, p. 16). Já nos genéricos, insere-se “uma classe e não um ou mais indivíduos ou entidades específicas” (MÜLLER, 1997, p. 15).

O PP3 *dele* predomina quando o antecedente é *específico* (76%) e *não específico* (53%), enquanto *seu* predomina quando o antecedente é *genérico* (94%). Müller (1997) aponta as limitações desta classificação, e sugere considerar a quantificação como uma categoria à parte. Por conta das pistas de distribuição identificadas no estudo de Almeida (1993), Müller (1997) defende que ocorre uma especialização de formas de PP3: “*seu* é a forma escolhida para funcionar como variável presa; e *dele*, a forma escolhida para expressar correferência” (MULLER, 1997, p. 22).

É neste ponto que introduzimos a hipótese do pronome substituto (*pronominal surrogate hypothesis*), de MacKay e Fulkerson (1979), segundo a qual “a natureza de um antecedente determina completamente a interpretação de um pronome” (p. 661, tradução nossa).³ Os autores demonstram a hipótese com construções do inglês que usam o pronome *it* e que age como substituto, mudando o sentido a cada uso, como nos seguintes exemplos:

- (1) That school got **its** problems.
‘Essa escola tem **seus** problemas.’
- (2) I can hear what you said, but **it** doesn’t make sense to me.
‘Eu posso ouvir o que você disse, mas **isso** não faz sentido para mim.’

Em (1), o pronome *it* se refere ao antecedente nominal *that school*, já em (2), *it* se refere a uma toda sentença, *what you said*. O pronome parece não desencadear nenhuma contribuição para a construção do sentido por si só (MACKAY; FULKERSON, 1979), o que o faz ser apenas um “pronome substituto”. Por outro lado, o pronome é determinante na construção do sentido: esta é a hipótese da dominância pronominal (*pronominal dominance hypothesis*). Os pronomes não são elementos vazios, e “o significado lexical de um pronome determina a interpretação de seu antecedente” (MACKAY; FULKERSON, 1997, p. 661, tradução nossa):⁴

- (3) The president was walking with **her** daughter.
‘A presidenta estava andando com **sua** filha.’
- (4) The teacher has been teaching **his** students math.
‘O professor ensinou a **seus** alunos matemática.’

3 No original: “the nature of an antecedent completely determines the interpretation of a pronoun”.

4 No original: “the lexical meaning of a pronoun determines the interpretation of its antecedent”.

A presença do pronome *her* em (3), sendo uma forma de PP3 estritamente feminina, determinou o sentido no SN *the president*, evidenciando que uma mulher que preside estava andando com a filha. O mesmo ocorre em (4), em que o pronome *his*, de PP3 e masculino, levou-nos a compreensão de que o SN *the teacher* se refere a um professor do sexo masculino. O elemento referencial, o possessivo, determinou a interpretação de ambos os SN.

A implicação desta diferenciação no valor semântico dos pronomes se verifica nos usos das formas linguísticas para marcar gênero. No inglês, por exemplo, usa-se a forma *he* (ele) como a genérica, podendo representar tanto homens quanto mulheres; existe “um uso supostamente neutro, genérico, de referentes como “homem” e “ele” quando ambos gêneros são pretendidos” (FISK, 1985, p. 481, tradução nossa).⁵ Em estudos de percepção no inglês, MacKay e Fulkerson (1979) constataram que os pronomes atribuem significados aos seus antecedentes, e o uso de referentes como *homem* e *ele* para se referir a ambos os sexos leva os falantes a pensarem apenas no gênero masculino. Estes resultados dão suporte à hipótese da dominância pronominal. Fisk (1985), desenvolvendo um estudo com crianças do jardim e da primeira série, observou que as crianças não sinalizaram o uso de *he* como se fosse genérico, neutro, mas marcando o valor semântico de masculino. Segundo o autor, “esse achado estende a pesquisa anterior com estudantes universitários ao jardim de infância e alunos da primeira série, mostrando que eles também dão respostas baseadas no gênero masculino ao uso de ‘ele’ em uma representação neutra” (FISK, 1985, p. 484, tradução nossa).⁶ O mesmo é observado na pesquisa de MacKay (1980), que controlou se os participantes reconheciam o pronome *he* como referente a ambos os gêneros ou se faziam apenas relação ao gênero masculino. Para tanto, os participantes liam parágrafos contendo *he*, referindo-se a antecedentes neutros, como *person* (pessoa) e *writer* (escritor), permitindo avaliar se os falantes lhe atribuíam valor neutro ou masculino. Corroborando MacKay e Fulkerson (1979), seus resultados “sugerem que pronomes fazem mais do que substituir nomes” (MACKAY, 1980, p. 447, tradução nossa), visto que 80% dos participantes compreendem os antecedentes neutros de *he* mais como masculinos do que como femininos.⁷

No português, há também marcação neutra com nomes epicenos, ou com pronomes relativos, ou em situações de PP3 como dominante, como em (5), em que pronome *dela* desencadeia a interpretação do nome *policia* como feminino, havendo a dominância pronominal, com o pronome determinando o gênero do nome.⁸

(5) Policial de folga está sempre cuidando da segurança **dela** [mesma].

5 No original: “on the use of supposedly neutral referents such as ‘man’ and ‘he’ when both genders are intended”.

6 No original: “this finding extends the previous research with college students to kindergarten and first graders, showing that they too give male biased responses to the use of ‘he’ in an otherwise neutral presentation”.

7 No original: “suggest that pronouns do more than just stand for nouns”.

8 No português, Pinheiro e Freitag (2020) investigaram o efeito de *priming* na concordância em nomes comuns de dois gêneros para profissões, constatando que a frequência da associação do nome a um gênero interfere positivamente na concordância.

No entanto, se a dominância pronominal seguir a tendência pontuada por MacKay (1980) e Fisk (1985) na determinação do gênero nas situações de ambiguidade, tal como com pronomes neutros, como em (6), ou para nomes comuns de dois gêneros, como em (7), o masculino terá prevalência:

- (6) Eu acho que pra quem trabalha é um complicador muito grande continuar os **seus** estudos.⁹
- (7) Tive colegas aqui que moravam também aqui pelo Rosa Elze e sai da casa **deles** duas horas da manhã.

Enquanto em (6) não sabemos qual é o gênero de *quem*, em (7) o pronome *deles* desambigua o gênero do antecedente (*colegas*). Situações em que a retomada dos referentes neutros ocorre por PP3 do gênero masculino corroboram a hipótese da dominância pronominal, já que o pronome não carrega traços que provem o contrário. No entanto, isto só se aplica à forma *dele*, que concorda com o possuidor; *seu* concorda com o possuído.

Outro contexto de evidência da hipótese de dominância ocorre em cadeias referenciais com retomadas por SN de gêneros diferentes, em enunciados longos, como em (8), retirado do nosso conjunto de dados, em que dois SN, *uma língua geral* e *o inglês* formam uma cadeia referencial; a marcação de gênero em *dela* vincula o pronome ao SN *uma língua geral*, reforçando a concordância local.

- (8) eu gostaria de aprender [**o inglês**]_{masculino, singular} porém não gosto porque gostaria não eu quero aprender só que eu não gosto porque é uma é tipo [**uma língua geral**]_{feminino, singular} tipo que pra eu ir aos países à fora né? Você necessita *dela*_{feminino, singular} para se comunicar

Assim, além dos traços semânticos do referente (MULLER, 1997), considerando as evidências da hipótese de dominância pronominal, visamos identificar se a distância, o gênero e o número do referente também atuam no condicionamento do uso dos PP3 no português brasileiro contemporâneo falado em situação de maior monitoramento social e maior escolarização.

9 Deste ponto em diante, todos os dados utilizados para ilustração foram extraídos da amostra de 34 entrevistas sociolinguísticas do banco de dados Falares Sergipano (FREITAG, 2017); por não considerarmos as informações extralinguísticas na análise, omitimos a identificação do participante.

2 CONJUNTO DE DADOS E MÉTODO DE ANÁLISE

As explicações de Müller (1997) para os resultados apontam para a “antiguidade” e para o tipo de relação de interação do conjunto de dados utilizado, no caso, o NURC, composto por universitários nos anos 1970 em São Paulo, que evocaria um tipo de assunto mais referencial, o que motivaria a recorrência da forma *seu* PP3. A amostra que utilizamos para observar a realização de PP3 é composta por um conjunto de dados provenientes de 34 entrevistas do banco de dados *Falares Sergipanos* (FREITAG, 2017), realizadas com estudantes universitários nos *campi* da Universidade Federal de Sergipe, no escopo do projeto *Como fala, lê e escreve o universitário*.¹⁰

Assim como indicado por Müller (1997), foram consideradas todas as ocorrências de PP3: *seu(s)*, *sua(s)*, *dele(s)*, *dela(s)*, e excluídos os seguintes contextos: expressões cristalizadas, como “por sua vez”, “na sua maioria”, “na dele” e *seu* retomando *você* genérico. A distância do antecedente foi medida no escopo da sentença ou do turno. O antecedente do PP3 foi classificado quanto ao traço de personalidade (pessoa e não pessoa), e à classificação semântica adaptada da sugestão de revisão de Müller (1997): individual, genérico e quantitativo.

Além da estatística descritiva, e teste Fisher para a significância da associação entre os PP3 e o condicionamento semântico, utilizamos a técnica de árvores de inferências condicionais (HOTHORN; HORNIK; ZEILEIS, 2006, 2015; SPEYBROECK, 2012; FREITAG; PINHEIRO, 2020), um modelo de árvores de decisões em que as observações de ocorrências são agrupadas modo a ter o mínimo de variação dentro de um grupo e o máximo de variação entre os grupos, função *ctree* do pacote *partykit* (HOTHORN; ZEILEIS, 2015) na plataforma R (R CORE TEAM, 2020).

3 RESULTADOS

Foram computadas 392 ocorrências de PP3, das quais oito com antecedente instituição (“O Google é uma empresa que trata muito bem os seus funcionários”), todas com PP3 *seu*, retiradas da análise. A distribuição global foi de 51,3% *dele* e 48,7% *seu*, valores que se aproximam dos encontrados no NURC (55,8% e 44,2%, respectivamente), o que refuta a hipótese “*corpus* velho” e reforça a hipótese de um conjunto de dados provenientes de entrevistas constituídas por temas mais referenciais: o traço semântico do antecedente segue a tendência apontada por Müller (1997) para os dados do NURC: *dele* relacionado a antecedentes individuais (9)-(10), e *seu* a genéricos (11)-(12), embora as proporções não sejam as mesmas (na amostra do NURC, o percentual de genérico para *seu* é de 94% e *dele* é de 6%, face a 65,6% e 34,4%, respectivamente, identificados na nossa amostra).

10 O levantamento dos dados e a análise preliminar, em uma perspectiva variacionista e com controle binário de animacidade, definitude e especificidade, foi realizada em Siqueira, Silva e Rodrigues (2019). Utilizamos o mesmo conjunto de dados, mas com o controle de outros condicionadores, e em outro modelo de análise.

Genérico

- (9) Deviam ser pessoas que deveriam ganhar muito bem e nunca conseguem ou conseguem muito pouco aumento nos **seus** salários.
- (10) Eu não falo mais que uma pessoa é sem cultura ela tem a cultura **dela** ela pode ser sem educação.

Individual

- (11) O inglês tem a **sua** característica.
- (12) Ela viu que a turma não tava dando oportunidade pra apoiar a intriga **dele**.

O resultado do quantitativo segue a mesma tendência apontada por Müller (1997); as quatro ocorrências encontradas para *dele* se referem à decisão de incluir *a maioria* (13)-(15) como quantificador, não só *cada*, como em (16) e *todo*, em (17).

- (13) Eu observei que o curso em **sua** maior parte era um curso técnico.
- (14) Então por ter essa fama e os profissionais na maioria **deles** não trabalharem pra mudar.
- (15) Então um idoso o que é que um idoso geralmente faz? geralmente mora só às vezes né? a maioria **deles** moram sozinhos.
- (16) Cada mestrando tem os **seus** co-orientadores co-orientandos (não) que são os graduandos.
- (17) Todos têm **seu** modo de avaliar **seu** modo de ver como o aluno se comporta.

O traço semântico individual está relacionado ao PP3 *dele*, enquanto o quantitativo está relacionado ao PP3 *seu*, mas a relação não é categórica; a classe dos genéricos demanda maior refinamento.

TABELA 1 – DISTRIBUIÇÃO DAS OCORRÊNCIAS DA AMOSTRA QUANTO À EXPRESSÃO DE PP3

		dele	seu	p-valor
traço semântico do antecedente	<i>individual</i>	126 (90.0%)	14 (10.0%)	<0.001
	<i>quantitativo</i>	4 (8.2%)	45 (91.8%)	
	<i>genérico</i>	67 (34.4%)	128 (65.6%)	
distância do antecedente	<i>mesmo turno</i>	152 (65.0%)	82 (35.0%)	<0.001
	<i>mesma sentença</i>	45 (30.0%)	105 (70.0%)	
número do antecedente	<i>singular</i>	138 (55.9%)	109 (44.1%)	0.006
	<i>plural</i>	56 (46.3%)	65 (53.7%)	
	<i>coletivo</i>	3 (18.8%)	13 (81.2%)	
gênero do antecedente	<i>masculino</i>	143 (54.0%)	122 (46.0%)	0.107
	<i>feminino</i>	52 (47.3%)	58 (52.7%)	
	<i>neutro</i>	2 (22.2%)	7 (77.8%)	
pessoalidade	<i>pessoa</i>	176 (52.5%)	159 (47.5%)	0.223
	<i>não pessoa</i>	21 (42.9%)	28 (57.1%)	

Fonte: elaborada pelos autores.

Quanto ao gênero e número do antecedente e à hipótese da dominância pronominal, destacamos o controle dos antecedentes coletivos, como em (18)-(19), nomes singulares que se referem a um conjunto de entes no mundo, e aos neutros, como em (20)-(21), cuja especificação de gênero não pode ser inferida pelo nome em si (papel que o PP3 *dele*, por ser flexionável em função do possuidor, e não do possuído como *seu*, assume no processo de desambiguação).

- (18) A sociedade precisa dar o aval **dela** o político precisa fazer.
- (19) Foi assim que a população começou a fazer **suas** manifestações.
- (20) Tive colegas aqui que moravam também aqui pelo Rosa Elze e sai da casa **deles** duas horas da manhã.
- (21) Ou seja, quem nunca falou qual a música que lhe marcou na **sua** vida?

Tanto quanto ao gênero como quanto ao número, a partição gramatical binária do antecedente (masculino/feminino, singular/plural) não parece interferir na seleção do PP3; no entanto, *seu* tende a ser relacionado gênero neutro e ao número coletivo.

Nos contextos de PP3 *dele*, retomando a hipótese de dominância pronominal de MacKay e Fulkerson (1979): se em situações em que a retomada dos referentes neutros ocorre por PP3 do gênero masculino, corroboramos a hipótese da dominância pronominal. No entanto, isto só se aplica à forma *dele*, que concorda com o possuidor; *seu* concorda com o possuído. E quando o antecedente é masculino, o PP3 é masculino também (singular ou plural).

TABELA 2 – CONTINGÊNCIA DE PP3 *DELE* QUANTO AO GÊNERO E AO NÚMERO DO ANTECEDENTE

		singular	plural	singular	plural
		feminino <i>dela</i>	feminino <i>delas</i>	masculino <i>dele</i>	masculino <i>deles</i>
número do antecedente	<i>singular</i>	36	2	85	15
	<i>plural</i>	3	4	8	41
	<i>coletivo</i>	2			1
gênero do antecedente	<i>masculino</i>	1		90	52
	<i>feminino</i>	40	6	3	3
	<i>neutro</i>				2

Fonte: elaborada pelos autores.

A exceção identificada na área cinza da Tabela 2 é (22), um contexto longo, em que Matemática é um hipônimo de cursos.

- (22) Tem cursos, ah uma suposição [**Matemática**]_{feminino, singular} só estuda Matemática só visa Matemática assim fora aquelas matérias optativas e esse não a grade *dela*_{feminino, singular} já tem outras já oferece outras disciplinas.

Já quando o antecedente é feminino, formas masculinas de PP3 podem retomá-lo, como em (23), em que um antecedente feminino, singular, é retomado por um PP3 masculino, singular, ou plural, como em (24).

- (23) Tem [**gente**]_{feminino, singular} que fala errado mas fala aquele modo linguístico *dele*_{masculino, singular} da sua região.

- (24) Porque o que eu acho que [**a igreja**]_{feminino, singular} vende a fé vende a esperança o produto *deles*_{masculino, plural} entendeu?

Já nos contextos (25) e (26), o antecedente feminino e coletivo é retomado por PP3 masculino, plural, e (27), masculino singular.

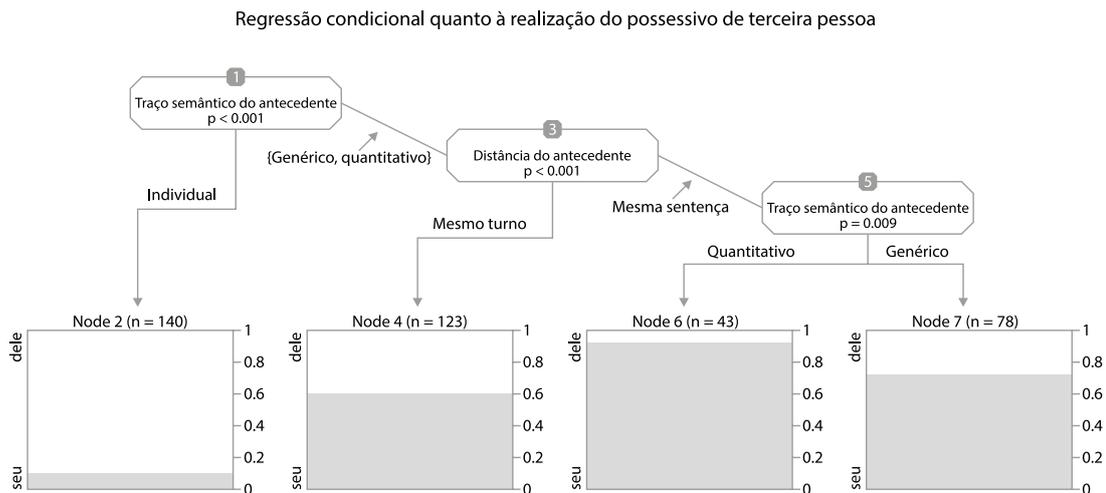
- (25) Minha linha é essa eu vejo como é [**a turma**]_{feminino, singular} e vejo até que ponto eu posso me aproximar deles tem [**turma**]_{feminino, singular} do período passado que eu sou amiga *deles*_{masculino, plural}.

- (26) Então [**a minha família**]_{feminino, singular} toda acolhe de braços abertos é como se fosse uma realização minha mas mais ainda *deles*_{masculino, plural}.

- (27) Se você já tiver sua [**clientela**]_{feminino, singular} fiel e cativa aí beleza se o que você tá fazendo tá satisfazendo as necessidades *dele*_{masculino, singular}.

O comportamento de PP3 no português brasileiro falado contemporâneo e em situação de maior formalidade e escolarização pode ser sistematizado pelo modelo de regressão condicional (Figura 1).

FIGURA 1 – MODELO DE REGRESSÃO CONDICIONAL PARA PP3 NA AMOSTRA FALARES SERGIPANOS



Neste modelo, todas as ocorrências de PP3 da amostra ($n = 384$) foram agrupadas por semelhança entre si e diferença entre os grupos. O traço semântico individual tem predomínio de *dele* (90%); *seu* predomina com genéricos e quantitativos, no mesmo turno (60%), na mesma sentença com traço genérico (74%) e na mesma sentença com traço quantitativo (95%). A distribuição corrobora a hipótese da dominância pronominal e a da distribuição complementar de Müller (1997), de que *seu* funciona como presa e *dele* expressa correferência.

5 CONCLUSÃO

A análise confirma a ação da hipótese da dominância pronominal (MACKAY; FULKERSON, 1979), em que a retomada dos referentes neutros ocorre por PP3 do gênero masculino, assim como corrobora a hipótese da distribuição complementar dos possessivos de PP3 (MULLER, 1997), em que *seu* funciona como variante presa e *dele* expressa correferência. Retomando o ponto inicial, nenhuma das três gramáticas apresenta uma explicação que contemple a efetividade dos usos de PP3 no português brasileiro contemporâneo na situação de fala. A gramática A acerta em propor subsistemas, mas o traço distintivo não é a modalidade de registro, e sim o traço do referente. A gramática B acerta ao explicitar a estratégia de resolução de ambiguidade do possuidor (antecedente), mas não explicita a regra subjacente. A gramática C prescreve uma realidade de língua que não contempla falantes do NURC, nem da amostra Falares Sergipanos.

REFERÊNCIAS

- AZEREDO, J. C. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BAGNO, M. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2012.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- FISK, W. R. Responses to 'neutral' pronoun presentations and the development of sex-biased responding. *Developmental Psychology*, v. 21, n. 3, p. 481, 1985.
- FREITAG, R. M. K. *Documentação Sociolinguística: coleta de dados e ética em pesquisa*. São Cristóvão: EdUFS, 2017.
- FREITAG, R. M. K. NURC, um banco de dados sociolinguístico. In: Oliveira Jr., M. (org.). *NURC - 50 anos*. São Paulo: Parábola, 2019. p. 125-134.
- FREITAG, R. M. K.; PINHEIRO, B. F. M. Modelo de árvore de inferência condicional para explicar usos linguísticos variáveis. In: CARVALHO, C.; LOPES, N. S.; RODRIGUES, A. T. *Sociolinguística e Funcionalismo: vertentes e interfaces*. Salvador: EDUNEB, 2020.
- HOTHORN, T.; HORNIK, K.; ZEILEIS, A. ctree: Conditional inference trees. *The Comprehensive R Archive Network*, p. 1-34, 2015.
- HOTHORN, T.; HORNIK, K.; ZEILEIS, A. Unbiased recursive partitioning: A conditional inference framework. *Journal of Computational and Graphical statistics*, v. 15, n. 3, p. 651-674, 2006.
- HOTHORN, T.; ZEILEIS, A. partykit: A modular toolkit for recursive partytioning in R. *The Journal of Machine Learning Research*, v. 16, n. 1, p. 3905-3909, 2015.
- KATO, M. A. A complementariedade dos possessivos e das construções genitivas no português coloquial: réplica a Perini (1985). *D.E.L.T.A.*, v. 1, n. 1-2, p. 107-120, 1985.
- LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1972.
- MACKAY, D. G. Psychology, prescriptive grammar, and the pronoun problem. *American Psychologist*, v. 35, n. 5, p. 444-449, 1980.
- MACKAY, D. G.; FULKERSON, D. C. On the comprehension and production of pronouns. *Journal of Verbal Learning & Verbal Behavior*, v. 18, n. 6, p. 661-673, 1979.
- MULLER, A. L. P. A lógica subjacente à variação entre as formas possessivas de terceira pessoa: seu versus dele. *Revista da ANPOLL*, n. 3, p. 11-32, 1997.
- OLIVEIRA E SILVA, G. M. Estertores da forma seu de terceira pessoa na língua oral. In: OLIVEIRA E SILVA, G. M.; SCHERRE, M. (org.). *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 169-146.

OLIVEIRA E SILVA, O. *Estudo da regularidade na variação dos possessivos no Português do Rio de Janeiro*, 1982. Tese (Doutorado em Linguística) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1982.

PERINI, M. A. O surgimento do sistema possessivo coloquial: uma interpretação funcional. *D.E.L.T.A.*, v. 1, n. 1-2, p. 01-16, 1985.

PINHEIRO, B. F. M.; FREITAG, R. M. K. Estereótipos na concordância de gênero em profissões: efeitos de frequência e saliência. *Revista Linguística*, v. 16, n. 1, p.1-26, 2020.

R CORE TEAM. *R: A language and environment for statistical computing*. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2019. Disponível em: <<http://www.Rproject.org>>. Acesso em: 25 mar. 2020.

SIQUEIRA, M.; SILVA, V. N.; RODRIGUES, F. G. Sociolinguística. *Variação seu/dele referentes a 3ª pessoa do singular no português universitário sergipano: aspectos semântico-pragmáticos*. In: 1º Fórum Internacional de Sociolinguística. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019.

SILVA, M. L. S. *Variação dos pronomes possessivos de terceira pessoa do singular seu (a) (s)/ dele (a) em Natal-RN: aspectos sociais e estilísticos*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2016.

SOARES, A. S. F. *Segunda e Terceira Pessoa - o pronome possessivo em questão: uma análise variacionista*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1999.

SPEYBROECK, N. Classification and regression trees. *International journal of public health*, v. 57, n. 1, p. 243-246, 2012.

Squib recebido em 26 de março de 2020.

Squib aceito em 10 de maio de 2020.